

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JULIANA CAROLINA ALVES DE MEDEIROS
MARIA EDILENE BARBOSA BRITO
MAYRA SUMAYA ARAUJO LAURENTINO

RELATÓRIO: “GRUPO REFLEXIVO DE HOMENS: POR UMA ATITUDE DE PAZ”

NATAL/RN

2017

JULIANA CAROLINA ALVES DE MEDEIROS

MARIA EDILENE BARBOSA BRITO

MAYRA SUMAYA ARAUJO LAURENTINO

RELATÓRIO: “GRUPO REFLEXIVO DE HOMENS: POR UMA ATITUDE DE PAZ”

Relatório de Estágio apresentado como requisito avaliativo parcial da disciplina de Estágio Profissionalizante em Psicologia do Curso de Psicologia da UNI-RN.

Supervisor Acadêmico:

Orientador (a): Prof.^a Maria Fernanda Cardoso Santos. CRP: 17/0656

Co-Orientador (a): Prof.^a Rocelly Daiane Teotônio da Cunha Souza. CRP: 17/1946

Supervisor de Campo: Alessandra Silva de Oliveira Martins. CRP: 17/2968

NATAL/RN

2017

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
2.1 Problematização do campo de estágio.....	9
2.2 Análise diagnosticada do campo de estágio.....	11
2.3 Atividades propostas, objetivos e metodologias.....	12
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....	18
REFERÊNCIAS.....	19
ANEXOS.....	20

RESUMO

Este trabalho aborda a problemática da violência doméstica e familiar contra a mulher, tomando como fio condutor o relatório de campo do estágio supervisionado profissionalizante obrigatório na área de psicologia social e jurídica no grupo “Grupo Reflexivo de Homens: por uma atitude de paz” realizado no Ministério Público do Rio Grande do Norte Anexo III da Procuradoria-Geral de Justiça-Promotorias de Justiça, Ouvidoria, NAMVID e CEAf. Durante nosso estágio, participamos de uma capacitação acerca a metodologia do grupo reflexivo para homens e depois passamos a participar dos encontros semanais realizados em um dos grupos formados pelo NAMVID. O grupo é composto por homens que se encontram em processo judicial relacionado à violência doméstica e familiar e tem como objetivo refletir sobre a desigualdade de gênero, a Lei Maria da Penha, comunicação não-violenta e temas afins. A proposta dos Grupos Reflexivos se dá a partir da compreensão de que há necessidade dos profissionais de direcionar políticas públicas não somente à vítima, como também ao agressor, propiciando um espaço para que estes homens reflitam sobre a violência em suas múltiplas dimensões e implicações. Entende-se, portanto, que esta reflexão poderá abrir espaço para outras formas – não violentas – de lidar com os conflitos.

Palavras-chave: Violência Doméstica. Grupo para Homens. Lei Maria da Penha

ABSTRACT

This work agrees with the problem of domestic and aggressor violence against women, taking as a guideline the field aggressor the compulsory vocational supervised internship in the area of social and legal psychology in the group “Grupo Reflexivo de Homens: por uma atitude de paz” realized in the Ministério Público do Rio Grande do Norte Annex III of the Procuradoria-Geral de Justiça-Promotorias de Justiça, Ouvidoria, NAMVID e CEAF. During our internship, we participated in a training on the methodology of the reflective group for men and then we started to participate in the weekly meetings held in one of the groups formed by NAMVID. The group is composed of men who are in legal process related to domestic and aggressor violence and aims to reflect on gender inequality, the Maria da Penha Law, non-violent communication and related topics. The proposal of Reflexive Groups is based on the understanding that there is a need for professional to direct public policies not only to the victim, but also to the aggressor, providing a space for these men to reflect on violence in its multiple dimensions and implications. It is understood, therefore, that this reflection could open space for other, non-violent ways of dealing with conflicts.

Keywords: Domestic Violence. Group for Men. Maria da Penha Law

1 INTRODUÇÃO

No decorrer deste trabalho, será descrito o relatório de campo do estágio supervisionado profissionalizante obrigatório na área de psicologia social e jurídica. Escolhemos relatar os resultados observados durante uma das atividades de nosso estágio: o projeto “Grupo Reflexivo de Homens: por uma atitude de paz”, realizado no Ministério Público do Rio Grande do Norte Anexo III da Procuradoria-Geral de Justiça-Promotorias de Justiça, Ouvidoria, NAMVID e CEAf, localizado na Rua dos Tororós, 1839, Lagoa Nova, Natal – RN. Tivemos a oportunidade de participar, como estagiárias, dos encontros semanais (com duração de 2 horas cada) durante sete dos dez encontros previstos para o ciclo completo do Grupo. Ainda restam outros três encontros que acontecerão até o final do ano, de forma que esse relatório será o reflexo de uma considerável parte do processo que pudemos vivenciar. A supervisão de campo deste estágio ficou a cargo da psicóloga Jackeline Leite da Costa e da assistente social Maria Ildérica de Castro Souza, com a Coordenação da Promotora Érica Verícia Canuto de Oliveira Veras. No estágio buscou-se desenvolver e aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos no decorrer do Curso Superior de Psicologia realizado no Centro Universitário do Rio Grande do Norte.

Baseado na vivência do Grupo Reflexivo, com homens que estão em processo judicial relacionados à violência doméstica e familiar, o presente trabalho irá se aprofundar em questões sobre a Lei Maria da Penha, reflexões no decorrer dos encontros, apresentando alguns resultados sobre pensamentos trazidos por estes homens, como o machismo e o poder de posse sobre as mulheres, despertando mudanças em suas atitudes relatadas em cada encontro. Iremos descrever como o grupo reflexivo foi constituído, sua origem e desenvolvimento, observando o posicionamento das profissionais e contando com a observação de resultados obtidos em todos os relatos.

2 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS

O termo violência é definido como um comportamento deliberado e consciente que pode provocar lesões corporais ou mentais à vítima. É considerada violência de gênero aquela que é exercida de um sexo sobre o sexo oposto. Em geral, o conceito refere-se à violência contra a mulher, sendo que o sujeito passivo é uma pessoa do gênero feminino. A respeito disso, Brandão ressalta que “o termo ‘violência contra a mulher’ adquiriu uma categoria política, que torna emergentes as desigualdades na relação homem-mulher” (1998).

Uma vez que faz emergir as desigualdades de gênero, podemos ver que esse é o denominador comum, de forma que a violência contra a mulher é um tipo de violência cuja ocorrência não se restringe a raça, etnia, religião, idade ou classe econômica, ocorrendo nos mais variados ambientes e extensões da sociedade. “Entretanto, é no âmbito da conjugalidade que ganha um perfil mais complexo, pois se imbrica numa teia de prazer, amor, medo, vergonha e poder” (QUEIROZ, 2008). Esse tipo de violência contra a mulher, que ocorre no ambiente doméstico ou na intimidade de um relacionamento a dois, tem características peculiares por acontecer em momentos isolados e discretos.

A violência, de forma geral, não se restringe à agressão física, podendo se concretizar de diversas formas. Estas formas são tipificadas e descritas na Lei Maria da Penha. Dessa forma, é pautada na lei em tela, além da violência física, a violência psicológica ou emocional, a sexual, a patrimonial e a moral. Dentre estas, é importante ressaltar que a violência psicológica é um dos casos mais negligenciados por quem sofre, já que a vítima muitas vezes não consegue perceber que a está sofrendo. Esse tipo de violência pode deixar danos irreparáveis e acompanha praticamente todos os outros tipos de violência. Entre os fatores que tornam tão difícil que esse tipo de violência seja identificado está o fato de que a autoridade masculina foi durante séculos legitimada e naturalizada. Um dos efeitos do exercício deste tipo de violência é que ele vai minando gradativamente a dignidade da mulher e sua honra.

Além da violência psicológica que, como dito, é concomitante aos demais tipos de violência, são tipificadas pela Lei outras formas de agressão: a violência sexual, que se configura quando acontece qualquer prática libidinosa sem o consentimento da mulher, podendo envolver agressões físicas e/ou psicológicas; a patrimonial em que os bens da mulher são destruídos ou cerceados e a moral, que

atinge a dignidade e a imagem da mulher (são os tradicionais “crimes contra a honra”: calúnia, difamação e injúria).

Todos esses tipos de violência estão relacionados a um contexto comum e geral: as desigualdades de gênero, afetando a saúde da mulher como um todo, em seus aspectos físicos e psicológicos, como bem ressaltam Schraiber e Oliveira:

A violência (física, psicológica ou sexual) está ligada a condições interpessoais associadas às desigualdades de gênero. Como aumento da violência, aumentam também as doenças e os riscos de adoecer. Os vários tipos de violência são considerados “pequenos assassinatos diários” e, contra a mulher, no âmbito interpessoal, a violência é uma das mais difíceis de ser prevenida e evitada (SCHRAIBER e OLIVEIRA, 1999).

Esses efeitos na saúde terminam por ter repercussões inclusive no campo laboral e produtivo, acentuando a dependência financeira e emocional da mulher em relação ao contexto em que as próprias agressões se dão: “Além dos problemas surgidos na saúde física e mental, a relação violenta diminui a qualidade de vida da mulher, sua capacidade produtiva, seu trabalho, sua educação e autoestima” (RNFS, 2002). Dessa forma, configura-se um círculo vicioso, em que a mulher encontra-se cada vez mais vulnerável e ao mesmo tempo dependente do contexto que a fragiliza. Por isso, enfrentar a violência contra a mulher passa por refletir sobre esse cenário que produz adoecimento e vulnerabilidade e se retroalimenta, já que esse adoecimento dificulta a saída da mulher de seu contexto violento.

Concordamos com Saffioti (1998) quando esta afirma que a violência sofrida pelas mulheres é uma construção social, na qual o homem, que apresenta maior autoridade de poder, submete as mulheres, procedimento este que passou a ser visto como natural ao longo da história para homens e mulheres. Desta forma, a violência de gênero é uma forte expressão do sistema patriarcal e, uma vez que é cometida muitas vezes no âmbito de seu lar, fez-se essencial que o Estado intercedesse, buscando minimizar seus efeitos via políticas públicas distintivas expostas para combater a referida problemática.

Os motivos que mantêm as mulheres inseridas nos contextos do relacionamento violento são: a convivência com o medo, a dependência financeira e a submissão, até o momento em que decidem realizar a denúncia, e passam por cima do sentimento de pena do marido, do tempo de vida juntos e da anulação durante o relacionamento. (SOUZA, 2006, p. 51)

E o que mantém uma mulher em seu contexto de violência? Quais os aspectos que a impossibilitam sair desse contexto? De acordo com Lenore Walker, psicóloga americana que fundou o Instituto de Violência Doméstica, pode-se identificar um ciclo em que a mulher que sofre violência se vê envolvida: o chamado “Ciclo do Abuso”. Leonore descreve esse ciclo em seu trabalho “The Battered Woman”, fruto de uma pesquisa em que entrevistou 1.500 mulheres que tinham sofrido de alguma violência doméstica. Através dessa pesquisa pode observar que havia um padrão/modelo semelhante.

Segundo a autora, os abusos geralmente acontecem em ciclos, e a primeira fase desse ciclo é classificada como o aumento da tensão. Esta é a fase que o agressor demonstra sua ira, cada vez mais irritado, grosseiro, mal-humorado, impaciente, ciumento e bastante ríspido, deixando a vítima temerosa. A segunda fase é classificada como o abuso em si, quando acontece o ato, ocorrendo agressões verbais e morais. A última fase é classificada como a da lua-de-mel, calma, período com pedidos de desculpas, arrependimentos, juras de amor e muitas promessas de mudanças por parte do agressor. Porém, não demora muito para o ciclo começar de novo, passando por todas as fases, configurando-se como um ciclo vicioso.

A violência cíclica, segundo Oliveira,

transforma o ambiente onde deveriam prevalecer amor e respeito em um palco de discussões, incompreensões e manifestações violentas. Os multifacetados exercícios de resistência de mulheres que são agredidas no âmbito da unidade doméstica ou da família e, por consequência, sofrem resignadas, revelaram a necessidade de tornar o sistema penal mais rigoroso, capaz de deter, ou, ao menos, amenizar a expressão da violência doméstica, não mais intimidada pelos vínculos de consanguinidade e afinidade. (OLIVEIRA, 2012, p. 2 e 3)

2.1 PROBLEMATIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

O projeto “Grupo Reflexivo de homens: Por uma atitude de paz” foi criado na perspectiva de proporcionar aos homens que respondem a processo judicial pela Lei Maria da Penha um espaço de reflexão a respeito das agressões. De acordo com entrevistas realizadas com profissionais responsáveis pelo grupo, foram levantados dados que mostram a necessidade de abordar ações que atendam aos agressores em uma perspectiva de reflexão para viabilizar a transformação de suas atitudes. O projeto surge a partir da percepção por parte das profissionais de que as instituições que atendem a mulher em situação de violência normalmente focalizam

seus projetos e ações tendo como figura central a vítima: a mulher. Foi a partir destas observações que surgiu a necessidade de compreender e desconstruir a naturalização acerca da violência intrafamiliar, que muitas vezes é vivenciada por eles anteriormente, em sua criação, com seus pais.

O grupo reflexivo para homens se trata de encontros com homens que foram denunciados pela Lei Maria da Penha, através do Poder Judiciário e encaminhados para a Promotoria. A partir dessa situação jurídica de denunciado, se dá um acordo obrigatório de participação do Grupo Reflexivo, imposto pelo Juiz como parte de uma suspensão do processo, suspensão essa que ocorre durante dois anos para o arquivamento do processo. Esta demanda de homens também pode chegar à Promotoria por via de medida protetiva. De acordo com a quantidade de processos encaminhados pelo Juiz para a Promotoria, ocorre um atendimento psicossocial e uma anamnese psicológica, verificando assim algumas necessidades e/ou dificuldades para a divisão dos grupos, sem considerar os processos individualmente, uma vez que não são discutidos em nenhum momento, havendo apenas questionamentos sobre identificações sociais. Os grupos são constituídos por no máximo 15 integrantes por turno e são determinados 10 encontros com duração de 2 horas. O trabalho é conduzido por duas facilitadoras, sendo elas uma assistente social e a outra psicóloga.

No caso de nossa experiência de estágio, a psicóloga estava afastada por licença-maternidade. A licença aconteceu depois do período de entrevistas, antes de iniciar o grupo, sendo este período nossa única oportunidade de vê-la desempenhando seu trabalho. Durante o tempo em que participamos dos encontros, em alguns momentos, sentíamos falta de um aprofundamento maior das problemáticas trazidas pelo grupo e atribuímos em alguns momentos essa falta à ausência da psicóloga. Talvez essa ausência sentida possa nos fazer refletir sobre a diferença entre os olhares da assistente social e da psicóloga, já que a assistente fazia intervenções – importantíssimas, sem dúvida – mais voltada às questões práticas, no campo das violações e do acesso aos direitos. Nesse sentido, podemos levantar a hipótese de que, quando conduzido pela dupla de profissionais, o trabalho fica enriquecido, já que as duas dimensões – a mais objetiva e a subjetiva – são importantes e complementares. Claro que o olhar voltado a essas perspectivas não é exclusivo da assistente social ou da psicóloga. No entanto, a formação de cada profissão termina por aguçar certas percepções, de forma que a escuta qualificada,

quando contempla essas diferentes dimensões, pode trazer uma avaliação melhor deste exercício. Esta escuta se torna mais rica em possibilidades, portanto, quando articulada e interdisciplinar, trazendo várias informações e viabilizando intervenções que façam sentido nos contextos específicos abordados nos grupos.

2.2 ANÁLISES DIAGNÓSTICAS DO CAMPO DE ESTÁGIO

No momento que ocorre a violência, esta pode ser notificada, através da vítima, através de denúncia anônima, pelo disque-denúncia, como também pode ocorrer o flagrante. Depois da denúncia ao Ministério Público, esta não pode ser retirada, de forma que o processo terá continuidade, obrigatoriamente. Para a formação do Grupo Reflexivo são seguidas algumas etapas que se desenvolvem de maneira articulada pelo Poder Judiciário, por meio de uma ação penal executada pelo juiz, que ele aplica dentro da suspensão do processo, de forma que o julgado escolhe a suspensão ou a continuidade do processo. Se ele escolher a suspensão, fica a critério de o juiz determinar sua participação no Grupo.

Uma vez que aceite participar do Grupo, o denunciado deverá se apresentar ao Núcleo de Apoio à Mulher Vítima de Violência Doméstica – NAMVID, onde terá algumas orientações de como será cumprida esta determinação, começando pela entrevista psicossocial com a assistente social, que contará com dados sociais como: identificação do agressor, identificação da vítima, suas documentações, ocupação, renda familiar, residência e estrutura familiar. Logo após ocorre a entrevista psicológica, fazendo uma anamnese deste agressor com questionamentos sobre o processo no ponto de vista do mesmo, como ocorreu o fato denunciado, se faz ou fez uso de substâncias psicoativas, o histórico familiar relacionado à sua infância, sua saúde física e mental e o uso de medicamentos. Há também um momento de relatar sua criação e educação, fazendo uma comparação com a criação que o mesmo dá a seus filhos e questionando relações de gênero. Ao final, a psicóloga faz uma avaliação geral de suas impressões. Todas as atividades relacionadas, como entrevistas e reuniões, são realizadas na sede do NAMVID.

O Grupo é constituído com no máximo quinze homens e se caracteriza como homogêneo e fechado. Eles participam de dez encontros semanais, com a duração de duas horas. Após cada um dos encontros, é aplicado um questionário, avaliando seu rendimento relacionado ao impacto que trouxe para sua vivência.

Para a realização do Grupo Reflexivo para homens é necessária uma sala climatizada que acomode todos de forma confortável, com utilização de recursos como televisão, DVD, data show, quadro branco, piloto, folhas de papel A4, cartolina, caneta, computador, som, barbante etc. O projeto conta com a participação de alguns colaboradores: profissionais da saúde que discutem sobre a saúde do homem e estagiários para a colaboração em conduzir o grupo.

Os encontros são todos programados. No primeiro encontro, são apresentadas as regras de convivências e é frisada a importância do cumprimento das mesmas, logo após são aplicadas duas dinâmicas. No segundo encontro é apresentado o filme “Acorda Raimundo, acorda!”, em seguida é discutido o filme e logo após a dinâmica do nó. No terceiro encontro são discutidos tipos de violência, dinâmica das frases e um filme. O quarto encontro é resumido em uma única dinâmica. No quinto encontro é feita uma reflexão sobre raiva e agressividade. No sexto encontro discutem-se direitos humanos e construção histórica sobre o direito das mulheres, com data show e por final por meio da exibição de um filme. No sétimo encontro aborda-se a Lei Maria da Penha a partir de um documentário. No oitavo encontro fala-se sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas e há uma discussão sobre dependência química e vício. No nono encontro o tema é saúde do homem e machismo. No décimo encontro é aplicado um questionário e há um momento motivacional.

2.3 ATIVIDADES PROPOSTAS, OBJETIVOS E METODOLOGIA

O estágio supervisionado profissionalizante obrigatório na área de psicologia social e jurídica foi realizado no Ministério Público do Rio Grande do Norte Anexo III da Procuradoria-Geral de Justiça-Promotorias de Justiça, Ouvidoria, NAMVID e CEAF. Para a participação do Grupo Reflexivo para homens, foi necessário fazer uma capacitação na Associação do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Norte-AMPERN, localizado na Av. Amintas Barros, 4175 – Lagoa Nova, Natal – RN. A capacitação foi realizada em dois dias, com quatro horas diárias. No decorrer destes dois encontros nos foram passadas todas as atividades executadas nos encontros, assim como os assuntos discutidos, formas de conduzir as discussões e principalmente como lidar com este público. São chamados de facilitadores os profissionais que conduzem o grupo, sendo orientado que os mesmos estejam presentes do primeiro ao último encontro, uma vez que se trata de um grupo

fechado. A capacitação foi dada pela Assistente Social Ildérica, e a Psicóloga Jackeline, que são responsáveis por toda a execução do grupo no Estado do Rio Grande do Norte, sendo assim recebemos o certificado autenticando a capacidade para conduzir o grupo.

O primeiro contato com as atividades relacionadas ao grupo foi a participação nas entrevistas com a psicóloga, quando pudemos observar toda a entrevista psicológica. Nas entrevistas pudemos observar que a psicóloga adota uma postura um tanto “fria”, bem distante da postura acolhedora que tanto aprendemos no decorrer do curso. Ao ser indagada acerca da razão disso, ela explicou que não podemos mostrar demasiada concordância e empatia para com eles, já que os mesmos se julgam inocentes e com a empatia excessiva mina-se a possibilidade de reflexão. No relato foi observado que a maioria deles naturaliza o fato ocorrido, se colocando em uma postura de vítima, talvez na tentativa de sensibilizar as profissionais e de se eximir da obrigação na participação do grupo.

A partir das entrevistas, os agressores aguardam o contato para o início dos grupos, já as facilitadoras se organizam com a quantidade de homens que fizeram as entrevistas. Havendo faltosos nas entrevistas, há a necessidade de uma nova contagem para verificar a quantidade e, a partir disto, serem divididos os participantes por grupo. As facilitadoras têm um cronograma que conta com as terças e quintas feiras pela manhã e tarde para a realização das reuniões. No período de quinze dias após as entrevistas, foi realizado o primeiro encontro do grupo.

A instituição abriu suas portas para colaboradores que participassem do grupo, alguns estudantes, assim como nós, e também de outras instituições, profissionais de outras áreas como de saúde para discussões ligadas à saúde do homem, sempre tomando o cuidado com a quantidade de integrantes para não prejudicar a participação e o envolvimento dos mesmos durante as discussões.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao começarem os encontros, alguns participantes relataram sentir que estavam sendo o tempo todo julgados. Também notamos certo receio em relação ao local, uma vez que estas reuniões acontecem no anexo do Ministério Público-MP, o que os faz encarar o grupo como penalidade, como algo de ruim. Muitas vezes os participantes usam a expressão “é por isso que estamos aqui”. Esta frase pode ser interpretada de várias maneiras, mas neste contexto parecia estar associada a uma revolta por estar cumprindo uma obrigação pelo ato cometido. Muitos participantes relataram também estar estressados e com raiva, atribuindo a responsabilidade pela situação às próprias companheiras, culpando-as pelo fato de terem que estar ali.

O grupo em que atuamos conta com homens que demostram serem bem centrados e bastantes comunicativos, poucos são tímidos. Nas falas de muitos deles, percebe-se que naturalizam a posição de controle sobre suas companheiras, tendo uma ideia já formada sobre esta problemática. Essa ideia de que têm poder sobre suas mulheres vai se desconstruindo um pouco ao longo dos encontros e permite que pensemos sobre a construção do lugar de cada gênero nas histórias deles. É muito comum que eles se refiram a situações como o cuidado do lar e dos filhos como “obrigação da mulher”, assim como a referência à obrigação de abastecedor da família como sendo atributo masculino. Em relação à violência intrafamiliar, durante os encontros, vão expressando a percepção de que esta foi sendo criada ao longo do tempo e têm a oportunidade de ir gradativamente refletindo sobre essa construção. Em certos momentos, reviver esses momentos da violência que sofreram ou presenciaram em suas famílias parece gerar sentimentos de revolta nesses homens, além de eles relatarem também uma certa impotência e dificuldade de romper esse ciclo.

No primeiro encontro, as regras de convivência foram explanadas para todos, regras essas que se baseia em respeito mútuo e geral. Após o momento de exposição das regras, foi feita uma dinâmica da figura: foram espalhadas algumas figuras pelo chão e cada um pôde escolher uma que tivesse algum significado naquele momento. Muitos deles escolheram figuras relacionadas à família, demonstrando um desejo de família ideal e falando de conflitos, dificuldades, tempo e compromisso, temas geralmente ligados à situação familiar que estavam vivenciando. Posteriormente aos relatos de todos, inclusive os nossos (pois participamos dessa dinâmica também), fomos para outra dinâmica, na qual todos os

participantes elencaram características que entendiam ser específicas da mulher e, depois, características próprias do homem. Depois de elencar as características, que eram anotadas em forma de lista no quadro, os papeis foram invertidos, de forma que ao olhar o quadro as características femininas estavam ligadas à coluna atinente ao homem e vice-versa. Começamos então uma discussão pontuando que as diferenças são, sobretudo, biológicas e que tanto o homem como a mulher podem executar tarefas inversas. Nesse momento, foi possível refletir sobre a construção social dos papéis de gênero e sobre a desigualdade entre os papéis do homem e da mulher, o que pareceu gerar certo desconforto entre alguns deles.

No encontro seguinte, foi passado o filme “Acorda Raimundo, acorda!”. O filme também trata da troca de papéis, mostrando um contexto em que é a mulher quem trabalha fora, sustenta a casa e é o homem quem fica em casa realizando os afazeres domésticos e cuidando dos filhos. No final do filme o casal acorda e o homem percebe que foi tudo um sonho. Neste dia a discussão foi bastante interessante, possibilitando a eles a reflexão sobre a sobrecarga de tarefas e atividades e alguns deles manifestaram que percebiam que suas companheiras que necessitavam mais atenção por parte deles.

No terceiro encontro foram discutidos os diferentes tipos de violência. Os participantes se mostraram surpresos, Na visão expressa por eles, a única forma de agressão seria a física, de forma que ao refletir mais sobre o ato de violência ocorrido, tiveram a oportunidade de repensar a forma como reagem em momentos de raiva ou estresse. Depois dessa discussão, foi feita a “dinâmica do nó”: entregamos um pedaço de barbante a cada um e pedimos que cada um desse três nós no barbante usando apenas uma mão. Depois, foi solicitado que desatassem os nós também usando apenas uma mão. Alguns se mostraram bastantes nervosos por não conseguir desatar os nós e a facilitadora foi aproveitando a ocasião para falar sobre os problemas do dia a dia e sobre a responsabilidade pela proporção que os problemas têm e que, quanto mais apertado o nó, mais difícil fica desatá-lo, ainda mais se se tentar fazer tudo sem colaboração.

Um momento de muita emoção foi no quarto encontro no qual foi trabalhada uma única dinâmica. A proposta era de que os homens elencassem cinco coisas que queriam dizer para alguém, e não disseram por algum motivo, e cinco coisas que gostariam de ouvir de alguém e por algum motivo não ouviram. Os relatos eram sempre envolvendo a família e alguns homens comentaram o episódio pelo qual

estavam inseridos no grupo. A assistente social Ildérica, que é a facilitadora do grupo reflexivo, explicou a dinâmica, e depois que a mesma explicou, percebemos que o grupo ficou intimidado, parecendo estar com receio da dinâmica.

Ao iniciar, percebemos a dificuldade nos relatos, principalmente relatar cinco coisas que queriam dizer para alguém. Teve alguns momentos bem marcantes, como quando um dos homens relatou que tinha muita vontade de pedir desculpas ao seu primeiro filho, do seu primeiro casamento, dizendo: “Eu tenho muita vontade de pedir desculpas ao meu filho, eu abandonei ele, não procuro saber se ele está bem, como ele está, eu só mando o dinheiro. Eu não tenho coragem de pedir desculpas.” Depois que o mesmo contou toda a história do seu filho, abaixou a cabeça e começou a chorar dizendo que queria mudar tudo isso, porem tinha medo da reação do seu filho. Esse mesmo homem relatou um pouco da sua vida com sua atual esposa, com quem tem alguns conflitos por ela não querer ajudar em uma loja de conveniência que eles têm. Esse participante relatou: “Quando eu realmente decidi me separar, a mulher chegou dizendo que estava grávida, na hora eu quis morrer e hoje minha filha é a razão da minha vida, é a única coisa que me prende à minha mulher”.

Outro homem ficou bem emocionado, dizendo: “Eu amo minha ex-mulher e eu daria tudo para voltar no tempo, eu jamais teria pegado no braço dela daquele jeito”. E continuou: “As filhas da minha ex, são minhas filhas, até hoje eu tenho contato com elas, e sempre que elas precisam de mim, me ligam, até para ficar com uma das filhas dela, que é minha neta”. Já outro homem disse, “Eu jamais vou perdoar o que minha ex-mulher fez comigo, o único contato que eu tenho com ela é só sobre nosso filho e pronto, não quero conversa com ela nem para ir para o céu, ela não foi capaz de enxergar o que eu fiz para ela”, e esse mesmo homem disse, “Nos finais de semana que eu estou trabalhando, mesmo assim eu pego meu filho, ela fica em casa com minha mãe e eu faço questão de mandar sempre o lanche da semana para ele”. Outro relato foi, “Nunca elogiei minha mulher, toda vez que eu chego em casa para almoçar, o almoço já está todo pronto, todo quentinho, em cima da mesa”, “Minha mulher é uma excelente dona de casa, a casa é um brilho, não sei como ela consegue dar conta de tudo aquilo”, e também disse, “Sinto falta de receber um elogio, um agradecimento, por tudo que eu coloco dentro de casa, me arriscando nas estradas, para trazer comida para dentro de casa”.

Foi uma manhã de muita emoção, percebemos que eles colocaram muitas situações para fora, situações essas que não estão resolvidas, onde a maioria relatou um sentimento de arrependimento, tristeza e até mesmo de frustração, porém, tem alguns homens com uma postura muito dura, com um pensamento muito rígido, muito machista.

No encontro seguinte foi abordada a diferença entre a raiva e a agressividade e nos pareceu que eles não conseguem discriminar muito bem um do outros, misturando a percepção de suas sensações e a forma como reagem a estas.

Outro ponto que nos chamou bastante atenção foi no sexto encontro, onde a temática era sobre os direitos humanos e construção histórica, sobre o direito das mulheres, foi utilizado o data show e por final um filme. Quando a facilitadora começou a explicar à temática, um participante levantou a mão e já foi logo dizendo, “Quando uma mulher anda de short curto e blusa decotada, ela já está pedindo para ser estuprada. Minha mulher não anda assim, não quero homem nenhum olhando para ela”, outro homem já fala, “Meu amigo, você está sendo muito radical” e a partir desses questionamentos surgiu uma pequena discussão sobre esse tema, porém a facilitadora controlou a situação, se atendo a passar o conteúdo do data show. Pareceu a nós que o conteúdo do data show era muito denso, cansativo, dificultando a participação dos homens. Nesse encontro, sentimos falta de um debate, de uma escuta, com isso tornando um momento muito didático e deixando, talvez, de aproveitar o espaço de reflexão aberto pelos comentários feitos.

No sétimo encontro foi mostrado o documentário sobre a Lei Maria da Penha, mas antes do vídeo foram feitas algumas pontuações de como surgiu a lei, como ela funciona, havendo espaço para que tirassem as dúvidas deles. O documentário é bem forte, traz histórias bem chocantes e parece ter causado bastante impacto nos participantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Participamos até o momento de sete encontros com o grupo reflexivo para homens, e durante todos esses encontros já vivenciamos vários momentos enriquecedores, tanto profissionais, como pessoalmente. Está sendo uma oportunidade única de aprendizado neste estágio profissionalizante.

Pudemos ver o quanto as discussões são importantes no desenrolar de todo essa problemática: o “sentimento de injustiça” é colocado várias vezes nas reuniões e a naturalização da violência aparece amiúde. Diante de todas essas vivências, um ponto que nos chamou a atenção foi a resistência de um dos participantes do grupo, que apresentou no decorrer dos encontros uma postura rígida e pouco aberta às reflexões. De certa forma, suas posturas incitavam o debate e acabavam trazendo à tona mais aspectos do debate. Os outros participantes se mostraram bastante participativos e abertos a mudanças no discurso e em seus posicionamentos. Muitos inclusive colocaram a importância e necessidade de disseminar esse tipo de reflexão e informação em seus ambientes de trabalho, familiar e em seus ciclos de amizade. Por meio desses exemplos podemos enxergar a mudança que o grupo reflexivo pode viabilizar na vida destes indivíduos. Alguns chegaram inclusive a dizer que estavam se sentindo privilegiados por essa experiência única.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Bárbara Ferreira. **Os números da violência contra mulheres no Brasil**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em: 8 mar. 2017. p. 8 e 9.

OLIVEIRA, Elisa Rezende. Violência doméstica e familiar contra a mulher:: Um cenário de subjugação do gênero feminino. **Revista do Laboratório de Estudos da Violência da Unesp/marília**, São Paulo, v. 9, p.150-165, maio 2012. p.9.

OLIVEIRA, Elisa Rezende (2012). Violência doméstica e familiar contra a mulher: um cenário de subjugação do gênero feminino. Em: **Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP/Marília**. Edição 9 – Maio/2012. Disponível em (acesso 04/05/17): <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/view/2283> p.9.

<https://www.youtube.com/watch?v=uxXKiSli9KY> p. 17.

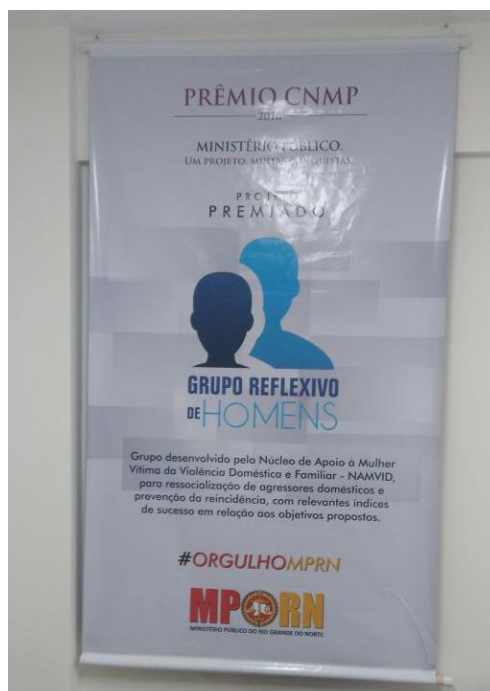
Ministério Público Do Estado Do Rio Grande Do Norte (Org.). **PROJETO “GRUPO REFLEXIVO DE HOMENS: POR UMA ATITUDE DE PAZ”**. 2011. Disponível em: <<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/porumaatitudedepaz.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2011. p. 9, 10 e 11.

SANTOS DO CARMO, P. C. da C. & MOURA, F. G. de A. de (2010). Violência doméstica: a difícil decisão de romper ou não com esse ciclo. Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. UFSC/SC. Disponível em (acesso 04/05/17): http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278278656_ARQUIVO_VIOLENCIADOMESTICAADIFICILDECISAODEROMPEROUNAOCOMESSECICLO.pdf p. 8 e 9.

SOUZA, Patrícia Alves de; ROS, Marco Aurélio da. Os motivos que mantêm as mulheres vitimas de violência no relacionamento violento. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 40, p.509-527, out. 2006. p. 8.

ANEXOS

BANNER DO GRUPO REFLEXIVO DE HOMENS



PORTA DA SALA DE REUNIÃO



SALA DE REUNIÃO



SALA DE REUNIÃO



ASSISTENTE SOCIAL E ESTAGIÁRIAS



